

## **PESQUISANDO E ARQUIVANDO SONS E IMAGENS DE UM PONTO DE VISTA SOCIALMENTE INTERESSADO**

Texto preparado por membros<sup>1</sup> do Grupo de Pesquisa Musicultura para o XXIII ESEM, Lisboa, 11-13 de outubro de 2007.

### **Apresentação do grupo e contextualização**

O grupo Musicultura é um grupo de estudo e pesquisa em etnomusicologia situado na favela da Maré, interessado, principalmente, na música da própria comunidade. Ele surgiu através de uma parceria entre o CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) e o Laboratório de Etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ, a partir do projeto “Samba e coexistência”. É formado por estudantes secundaristas provenientes de escolas públicas e alunos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inicialmente, o referido projeto teria três fases: 1- formação, 2- pesquisa e 3- montagem do acervo. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, entretanto, o grupo decidiu que o samba não seria o único objeto de estudo e, além disso, as três fases descritas, acabaram não sendo desenvolvidas numa ordem cronológica, antes, funcionaram e continuam funcionando de forma simultânea.

Ao longo desses três anos de trabalho dentro da favela da Maré o grupo vem mapeando as práticas musicais e reunindo documentos tais como: depoimentos, vinis, jornais, audiovisuais, paisagem sonora, textos escritos pelo próprio grupo, além de registros de eventos ocorridos na própria Maré. Fazendo este trabalho vimos a necessidade de falarmos um pouco da comunidade em que o grupo reside, para fazermos uma breve contextualização.

A Maré, apesar de ocupar no imaginário da cidade a condição de favela e de permanecer como área periférica da capital fluminense, desde 1994, está oficialmente caracterizada como bairro. Uma questão que surge ao confrontarmos dados deste bairro com a de outros da cidade é: como pode um bairro (segundo o Estado) composto por 16 comunidades, com uma dimensão física e populacional superiores a de muitos municípios brasileiros sofrer com uma inclusão precária no espaço urbano? Segundo dados do Censo Maré 2000, a região possui 132.176 habitantes abrigados em 38.273 domicílios. Um bairro como Copacabana, pertencente à área mais afluyente da cidade,

---

<sup>1</sup> Alex Blanc, Alexandre Dias da Silva, Bruno Carvalho Reis, Erika Martins, Fernanda Santiago França, Geandra Nobre, Guaracyara Gonçalves, Humberto Salustriano, Mariluci Correia do Nascimento, Mario Rezende Travassos do Carmo, Monique L. Pureza, Sibeles Dias Mesquita, Sinésio Jefferson Andrade Silva.

por exemplo, tem 147.021 habitantes, somente 14.845 a mais que a Maré e tem indicadores sociais muito mais elevados. Em Copacabana a renda média dos seus moradores é de R\$ 1.761,00 enquanto na Maré a renda média é de R\$ 394,00 (o salário mínimo no Brasil é de R\$ 380,00).

As comunidades que compõem a favela traduzem diferentes políticas habitacionais colocadas em prática pelo poder público, destacando-se as remoções (retirada das favelas das áreas nobres da cidade) e os famosos Centros de Habitação Provisória (CHP) das décadas de 60 e 70. Do mesmo jeito, elas refletem as estratégias de uma população pobre em busca de moradia, sem tempo para esperar as respostas governamentais. Localizada entre três das principais vias expressas da cidade, serve de palco para experiências culturais e educacionais bem sucedidas, seja com apoio governamental ou não-governamental. Simultaneamente, é bastante conhecida pelas violações praticadas por grupos de traficantes locais e da violência policial, fazendo com que apareça regularmente em páginas policiais. Segundo a rede memória da Maré, os primeiros registros de ocupação do que vem a ser favela da Maré datam da década de 1940. Nas décadas seguintes, as ocupações aumentaram, ajudando na formação daquilo que hoje muitos consideram o núcleo inicial do bairro. Sua montagem contou com a participação de pessoas e famílias vindas de diferentes lugares da própria cidade, principalmente a partir da política de remoções disseminada pelo governo do então estado da Guanabara; do interior do próprio estado; de Minas Gerais; Espírito Santo e vários estados da região nordeste.

O grupo Musicultura funciona segundo uma dialógica baseada no pensamento de Paulo Freire, segundo a qual o conhecimento é tratado de modo a resultar sempre de um diálogo renovado a cada encontro, isto é, não partimos de pressupostos já estabelecidos, na verdade nós desenvolvemos um processo de eterna renovação do conhecimento. Do ponto de vista da organização, o grupo é autônomo em relação as suas decisões, isto é, todos os integrantes têm potencialmente poder de decidir os rumos da pesquisa e também da própria formação, dos objetos de estudo, quem irá permanecer ou entrar para o coletivo, e quais as questões que resultarão em trabalhos que serão apresentados publicamente ou não.

## **Acervos etnomusicológicos**

Preservar foi, desde o início, uma preocupação da prática etnomusicológica. A partir da década de setenta do século dezenove, com a invenção do fonógrafo, essa preocupação atingiu o campo da ação e inúmeras gravações foram produzidas. No intuito de conservar manifestações musicais distantes de qualquer ameaça de extinção (Chaudhuri 1992), essa prática tornou-se comum à disciplina que, a essa época, ocupava-se quase que exclusivamente da música não europeia e/ou de tradição oral.

A atitude de guardar registros acústicos deu origem a arquivos musicais que, até hoje, possuem amostras de músicas de sociedades das mais diferentes partes do mundo. São exemplos pioneiros os arquivos de Viena (1899), Berlim (1900), Paris (1900) e São Petesburgo (1902) (Pinto 2001). Esses, como outros, constituídos e alimentados a partir do ideal preservacionista, se tornaram verdadeiros repositórios sonoros do planeta.

Nesse contexto, quase todos esses arquivos estiveram associados a determinadas concepções de pesquisa, onde a participação dos povos pesquisados limitava-se praticamente à produção dos sons a serem gravados. Em outras palavras, pouco ou nada decidiam sobre os rumos e usos dos registros feitos de sua cultura. Não custa lembrar, que muitas das primeiras gravações, quando feitas na África ou Ásia, se deram sob circunstâncias coloniais, num momento em que a antropologia ainda não tinha consagrado a observação participante como paradigma hegemônico das disciplinas com perfil etnográfico. Quando aos poucos, ao invés de reservar-se ao gabinete, o pesquisador passou a ir até o campo – ele mesmo produzindo os dados do ambiente sonoro que desejava investigar e traduzir –, novas possibilidades de diálogo e negociação se apresentaram, porém, a autoridade etnográfica e interpretativa permaneceu como monopólio do estrangeiro. De uns tempos pra cá, etnografias com perspectivas mais dialógicas e polifônicas buscam novos desenhos para a interlocução entre pesquisador e pesquisados. Disso resulta que as possibilidades de produção de dados, preservação e utilização dos mesmos possam servir a propósitos até agora não explorados. Tentaremos apresentar a seguir algumas questões surgidas a partir de nossa experiência.

## **Acervo Musicultura**

Quando pensamos em acervo vêm sempre à mente muitas definições e, junto a elas, dúvidas: o que é realmente um acervo? Para entender o que é um acervo devemos saber o que esta palavra significa. Acervo, do latim *acervus*, significava um acúmulo,

significado que não basta à nossa definição de acervo. No entanto, uma definição encontrada em dicionário, “acervo é um conjunto de bens que constituem um patrimônio”, já ajuda a nos encaminhar para uma noção mais adequada do que seria um acervo, embora nos deixe as seguintes questões: que tipo de patrimônio? E que tipo de bens? O patrimônio, no caso do nosso grupo, é visto como a memória da Maré e os bens são “objetos”, os quais nos remeteriam a esta memória. Um vinil com músicas de um determinado artista é um objeto, e este objeto para nós se torna um bem à medida que ele nos remete a um gosto de um morador da comunidade, ou a algum outro dado da nossa comunidade. Outra definição de acervo, na verdade ainda mais adequada para este trabalho, encontramos no verbete arquivo, do grego *archêion*: “Conjunto de documentos manuscritos, gráficos, fotográficos, etc., recebidos ou produzidos oficialmente por uma entidade ou por seus funcionários, e destinados a permanecer sob a custódia dessa entidade ou de seus funcionários”. Para nós, ela traduz o que seria o acervo etnomusicológico do grupo Musicultura, apenas notando-se que somos integrantes dessa entidade e não seus funcionários. Em cima da definição, nos perguntamos: o que vem a ser um “acervo musical etnomusicológico”? Acervo musical é um conjunto de documentos reunidos: cds, vinis, hemeroteca, ou seja, de uma maneira geral, reúne tudo relacionado à música; e sendo ele etnomusicológico também irá abranger outros aspectos que não estão relacionados diretamente à música.

O nosso acervo é composto de coleção de vinis, hemeroteca, mds, cds, dvds, uma mini-biblioteca, questionários de pesquisa quantitativa, textos acadêmicos e textos produzidos pelo próprio grupo. A maneira pela qual os materiais foram e são adquiridos até hoje é diversificada, os próprios moradores tendo doado uma grande parte do que consta no acervo. Além disso, ele conta com a contribuição constante do grupo para se expandir. Temos um acervo crítico, social e humano, porque procuramos retratar a vida através da música. Ele retrata fatos cotidianos de pessoas simples os quais não despertariam interesse algum para qualquer acervo tradicional. Como seria, então, um acervo em que os pesquisadores também são os pesquisados? Eles humanizam o acervo lhe atribuindo sua vivência, pois fazem parte da realidade estudada. Nosso acervo permite se estudar e saber um pouco mais de nossa comunidade, utilizando a música como meio para isso. Ele pode ser considerado crítico, pois a sua criação é feita a partir de um diálogo entre os componentes do grupo, e é social, visto que há uma militância dos seus integrantes e uma busca para valorizarmos o nosso meio social (ver Impey 2002 e Layne 2004).

Como já foi dito anteriormente, a idéia de acervo nos remete a acúmulo ou a estoque de coisas. Nós do Musicultura estamos estocando coisas ou acumulando experiências? Na verdade estamos querendo discutir a realidade através da música. Entendemos que um acervo etnomusicológico é também uma tentativa de entender a música como realidade, a música é um espelho da nossa realidade, e podemos dizer que a própria música comenta a realidade. Não podemos deixar de ouvir, ler ou assistir o que foi a nós permitido ser recolhido nas pesquisas dando importância, a qual seria dada a qualquer outro documento histórico. O mais importante em nosso trabalho é gerar o debate de nossa comunidade sobre si própria, num processo de reflexão. Nosso trabalho não tem um interesse com a memória tradicional e sim com a memória local mostrando o que realmente representa o povo e sua origem. Durante a criação deste acervo surgiram diversas questões de como seria acesso a ele. Discutimos as formas de acesso do público a esses materiais: por exemplo, se seria feito através de uma integração com escolas públicas das redondezas como uma espécie de museu itinerante, ou através de visitas à instituição onde fica o Musicultura, controlada por integrantes do próprio grupo.

Deve ser ressaltado, porém, que a autonomia do grupo quanto aos seus objetos de estudos e métodos utilizados em seu trabalho nem sempre se conduz de maneira harmoniosa como muitas vezes se imagina. Na verdade, este processo de decisões é totalmente tenso, pois não é fácil atender aos anseios individuais de um grupo extenso como o nosso. Como vemos nossa pesquisa como uma forma de engajamento contínuo e de longo prazo, atualmente estamos envolvidos em outras atividades tais como formação de novos integrantes, expansão dos materiais do nosso acervo, e também com a codificação da pesquisa quantitativa já mencionada sobre 923 questionários aplicados em 2006.

#### Referências citadas

- Chaudhuri, Shubha. "Preservation of the World's Musics" IN Helen Myers, ed., *Ethnomusicology; An Introduction*, New York, Norton, 1992; pp. 365-374.
- Clifford, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- Impey, Angela. "Culture, Conservation and Community reconstruction: Explorations in Advocacy Ethnomusicology and Action Research in Northern KwaZulu Natal". *Yearbook for Traditional Music*, Vol. 34, 9-24. 2002.
- Layne, Valmont. "The Sound Archives at the District Six Museum". IN Anthony Seeger and Shubha Chaudhuri, eds. *Archives for the Future*. pp. 211-222.
- Pinto, Tiago de Oliveira. "Som e música: questões de uma antropologia sonora". *Revista de Antropologia* 44(1): 221-286. São Paulo: USP; 2001.

